

Homossexualidade em “aqueles dois” de Caio Fernando Abreu

RAIZA BRUSTOLIN OLIVEIRA*

Resumo: Tendo em vista a atual situação de repressão social e luta pela liberdade vivida pela comunidade homossexual, faz-se necessário discutir como a sociedade reage a esse tipo de envolvimento e qual o impacto desta reação na vida das pessoas. Assim, esta pesquisa aborda o assunto a partir do conto *Aqueles Dois* de Caio Fernando Abreu, que retrata de forma clara como homossexuais podem ser repreendidos por ter uma orientação sexual que se difere da maioria, e que a regulação de uma moral afeta a forma como esses sujeitos se comportam em espaço público. De forma mais precisa, o presente trabalho busca analisar os papéis desempenhados pelos personagens que se permitem ser livres em alguns momentos e repreendidos em outros. Essa análise será realizada tendo como base os conceitos de Butler (1993), que trabalha a performatividade de gênero, Goffman (1985), estudioso do comportamento em locais públicos e a teatralidade na vida pública e, por fim, Luiz Fernando Lima Braga Júnior (2006), que escreveu uma tese de doutorado sobre homoerotismo em Caio Fernando Abreu.

Palavras-chave: Homossexualidade; Estigma; Conto.

Homosexuality in "those two" of Caio Fernando Abreu

Abstract: Considering the current situation of social repression and fight for freedom lived by the homosexual community, it is necessary to discuss how society reacts to this kind of relationship and what is the impact of this reaction on people's lives. Therefore, the subject will be broached from the tale "Those Two", from Caio Fernando Abreu, which portrays clearly how homosexuals can be repressed for having a different sexual orientation than most people, and how the regulation of morals affects the way the characters behave in public spaces. Thus, this paper seeks to analyze the roles performed by the characters that allow them to be free in some moments and repressed in others. This analysis will be made based on the concepts of Butler (1993), who discuss gender performativity, Goffman (1985), who studies behavior in public places and theatricality in the public life and Luiz Fernando Lima Braga Júnior, who wrote a PDH thesis on homoerotism in Caio Fernando Abreu's works.

Key words: *Homosexuality; Stigma; Tale.*



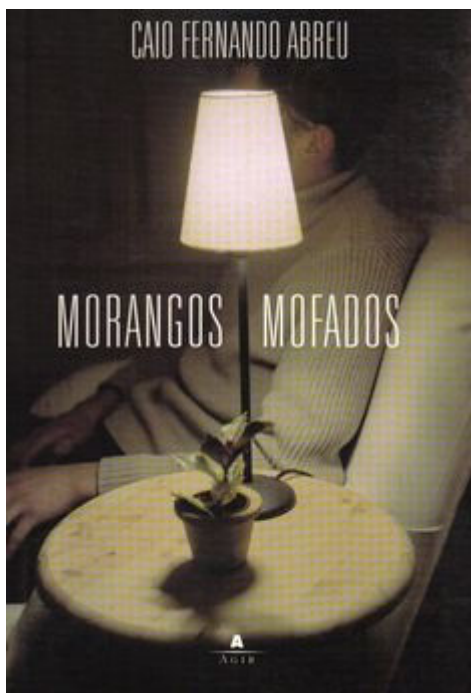
* **RAIZA BRUSTOLIN OLIVEIRA** é Bolsista CAPES e mestranda no curso de Pós Graduação Stricto-Sensu Sociedade Cultura e Fronteira oferecido pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE. Graduada em Letras Português e Espanhol pela também UNIOESTE.

Percebe-se que, apesar de terem conquistado diversos direitos como o casamento e a adoção de crianças, pessoas que se envolvem afetiva e sexualmente com outras do mesmo sexo são agredidas física e verbalmente, sofrendo assédio moral e sendo, ainda, marginalizadas, à medida que o espaço para elas dentro da sociedade é restrito. Assim, busca-se, com análise do conto de Caio Fernando Abreu, evidenciar não só a repressão que essas pessoas sofrem, mas também a necessidade de performatividade intensificada por essa repressão. Neste sentido, faz-se relevante conhecer a vida do autor.

1. Caio Fernando Abreu

Caio Fernando Loureiro de Abreu nasceu em 1948, na cidade de Santiago, Rio Grande do Sul. Estudou Letras e Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mas abandonou ambos os cursos para trabalhar como jornalista, profissão a qual, assim como a de escritor, desempenhou num período político conturbado do Brasil, a ditadura militar. Atuou nos principais jornais de seu estado de origem, como o Zero Hora, e, também, nos jornais de mais destaque do país, como a Folha de São Paulo.

Como intelectual e homossexual assumido, sofreu com a censura, de forma que precisou se refugiar no sítio



de Hilda Hilst¹, e posteriormente na Europa. De volta ao Brasil, morou em São Paulo, Rio de Janeiro, então, foi convidado pela Casa dos Escritores Estrangeiros para ir à França. No mesmo ano, retornou ao Brasil após descobrir que era portador do vírus HIV.

Com uma intensa representatividade no Brasil, Caio foi patrono da 41ª Feira do Livro de Porto Alegre, agraciado três vezes

pelo *Prêmio Jabuti de Literatura* e premiado pela revista *Isto É* como melhor livro, pela obra *Morangos Mofados*. O escritor morreu aos quarenta e sete anos, em Porto Alegre, dois anos após descobrir que estava doente.

Caio, foi um escritor irreverente, questionador de estigmas e, por sua grande capacidade de representar em sua a crise existencial do sujeito do seu tempo, é muitas vezes considerado fotógrafo da fragmentação contemporânea, assim, a morte, o medo, o sexo e a solidão são temas frequentes nos textos do autor. Essa temática está presente em todos os gêneros literários pelos quais o autor circulou, tendo escrito novelas, romances, teatros e contos. Neste sentido, o foco temático do autor é próprio sujeito em conflito, refletindo em seus textos personagens e

¹ Hilda Hilst (1930 -2004) é uma escritora paulistana que escreveu crônicas, romances e poemas, e como reconhecimento pelo seu trabalho recebeu prêmios como o PEN Clube de São Paulo e o Prêmio Jabuti.

contextos dúbios e expressando dualidades, como propõe Júnior (2006):

Os dualismos imaturidade/maturidade e passado/presente, que perpassam diversas narrativas de Caio Fernando Abreu, comprovam que a tônica transgressora de sua poética se faz, antes de mais nada, antes de qualquer revolução política, no interior do próprio sujeito, multiplicado em narradores e personagens mal-resolvidos enquanto identidades descentradas (JÚNIOR, 2006, p.37).

Entre esses conflitos e dualidades, está a questão da homossexualidade, retratada por vezes de forma sexualizada, sem qualquer restrição, outras de forma sutil e com ênfase na afetividade, porém sempre buscando mostrar a repressão sofrida pela predominância de um modo de pensar, que privilegia a heteronormatividade e percebe a homossexualidade como algo ilícito, pecaminoso (ressaltando a ênfase do cristianismo na manutenção deste padrão de comportamento), biologicamente errado e, até mesmo, patológico. Além disso, na abordagem do tema, incluem-se os conflitos internos do indivíduo afetivo e/ou sexualmente atraído por alguém do mesmo sexo, como propõe Júnior (2006):

exposição, em seu processo escritural, do tema *atração entre pessoas do mesmo sexo*, a partir de tensões interiores que rendem frutos (personagens e situações) híbridos e incertos sobre a alma homoeroticamente inclinada. (JÚNIOR, 2006, p.36).

Esta abordagem nem sempre é clara, como foi colocado anteriormente, há casos em que a sutileza predomina na apresentação desse tema, privilegiando a afetividade, de forma a tornar o

contato físico em si e a relação comprovadamente homossexual implícitos.

“Madrugada” encena um caso típico na ficção de Caio Fernando Abreu: a construção de uma inclinação à homofilia, sem que se explicita o ato sexual: o desejo é manifesto, os laços e afinidades estéticas, também, mas, em muitos casos, não se fala em homossexualidade. Daí que a homofilia, em seus textos, é uma forma de resgatar os laços espirituais que unem os seres humanos. (JÚNIOR, 2006, p.41).

Como exemplo de enredo em que a homossexualidade não aparece de forma clara, tem-se o conto *Aqueles Dois*, em que o possível relacionamento entre os dois personagens homens, ainda que insinuado, não é revelado. Além disso, o conto termina sem esclarecer essa informação ao leitor, e tal silêncio é fundamental para a catarse que o conto proporciona.

2. *Aqueles dois*

O conto *Aqueles dois* foi escrito por Caio Fernando Abreu e publicado em seu livro *Morangos Mofados*, em 1982. Relata a história de dois jovens rapazes que se mudam para uma nova cidade ao passarem num concurso. Eles, então, se conhecem no novo emprego e se aproximam aos poucos até se tornarem bons amigos. Essa amizade é reprovada pelos colegas de trabalho, que presumem que os dois rapazes estão em um relacionamento homossexual, e comunicam a suspeita ao chefe por meio de cartas anônimas, acarretando a demissão de ambos.

2.1. Contexto histórico

A época em que o livro foi publicado corresponde ao clímax de reivindicações, que tem início na década de 1960, período marcado pela revolta e

pela luta dos jovens por um espaço na sociedade. Nas décadas de 1980 e 1990 começam a surgir as primeiras “Paradas GLS” – gays, lésbicas, e simpatizantes - em que a homossexualidade, apesar de ainda muito relacionada à AIDS, migra de uma perspectiva moralista e patológica para uma visão de pluralidade identitária.

3. Homossexualidade em *Aqueles dois*

A perspectiva pela qual o trabalho foi realizado busca apresentar que o sentimento/desejo pelo outro, pertencente ao mesmo sexo, é subjetivo, portanto, plural e não exato. Assim, o termo utilizado denota isso, tendo em vista que segundo Junior (2006):

O adjetivo *homoerótico*, em sua vocação refutadora do preconceito, pode qualificar, ao mesmo tempo, uma inclinação repleta de ambigüidades para a homossexualidade, enquanto prática sexual efetiva ou, mesmo, enquanto atração por partes do corpo masculino, sem que isso implique, necessariamente, no ato sexual em si. (JUNIOR, 2006, p.21).

Nesse sentido, o termo traz à tona outra perspectiva de relação entre pessoas do mesmo sexo, que se contrapõe à ideia de homossexualidade como doença ou perversão. Além de abranger as diversas possibilidades de relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, tal perspectiva está adequada ao silêncio do conto, que não apresenta o nível da relação entre Raul e Saul.

A narrativa tece gradativamente o envolvimento dos personagens Raul e Saul. Quando se conhecem, na repartição pública, há uma descrição individual de ambos e, depois, começa-se a narrar o início da amizade. Os rapazes se aproximam aos poucos e

tornam-se grandes amigos, de maneira gradativa e intensa: “pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Mas tão lentamente que eles mesmos mal perceberam”. No decorrer da diegese o narrador insinua o quanto os dois fazem um belo par “sem terem exatamente consciência disso, quando juntos os dois apuravam ainda mais o porte” ou o quanto se completavam “como se houvesse, entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia”.

Assim, a relação é, inicialmente, distante e as conversas são baseadas na rotina de trabalho, até o dia em que Saul chega atrasado e, ao perguntar o motivo, Raul dá início a uma conversa que prossegue em um café. Quando não estão juntos sentem falta um do outro “durante aquele fim de semana obscuramente desejaram, pela primeira vez, um em sua quitinete, outro no quarto de pensão, que o sábado e o domingo caminhassem depressa para dobrar a curva da meia-noite e novamente desaguar na manhã de segunda-feira, quando outra vez se encontrariam para: um café.”.

Saul e Raul passam a se encontrar nos finais de semana e, inclusive, celebrar datas especiais juntos, como aniversários, Natal, Ano Novo ou, até mesmo, lutos. Esses momentos só faziam com que os laços se estreitassem, e é com delicadeza que o narrador descreve o carinho de um pelo outro:

Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos ficaram que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. (ABREU, 1995, p.87)

Neste trecho é possível ao leitor inferir que há um carinho além da amizade,

ainda que o roteiro que se segue não afirme, assim como não contradiz a ideia. Nesse sentido, o envolvimento de ambos está subentendido. Trata-se de uma espécie de relação respaldada pela doação mútua, na qual a afeição é demonstrada com gestos delicados, como dar ao outro seu presente preferido, assim como numa relação amorosa romantizada idealizada:

Saul fez aniversário. Porque achava seu amigo muito solitário ou por outra razão assim, Raul deu a ele a gaiola com Carlos Gardel. No começo do verão, foi a vez de Raul fazer aniversário. E porque estava sem dinheiro, porque seu amigo não tinha nada nas paredes da quitinete, Saul deu a ele a reprodução de Van Gogh. (ABREU, 1995, p.87).

Além disso, os *hobbies* que os caracterizam parecem completá-los, no que diz respeito ao sentido/sensorial: um gosta de filmes e artes plásticas, interesse que simboliza o sentido da visão; o outro, por sua vez, gosta de música e de ouvir o canto do seu pássaro, disposição esta que remete à audição. Ambos os sentidos parecem se complementar:

Raul tinha um telefone alugado, um toca-discos com rádio e um sabiá na gaiola, chamado Carlos Gardel. Saul, uma televisão colorida com imagem fantasma, cadernos de desenho, vidros de tinta nanquim e um livro com reproduções de Van Gogh. Na parede do quarto, uma outra reprodução também de Van Gogh. (ABREU, 1995, p.43).

O fato do autor não explicitar esse envolvimento faz com que o leitor perceba que se a relação existe ou não, se é aceitável ou não, não há importância. Isso porque o leitor é chamado a observar as consequências sociais que a hipótese dessa relação

trouxe aos dois, como o fato dos colegas de trabalho criticarem um possível relacionamento homossexual e mandarem cartas anônimas ao chefe, mostrando que eles encaravam essa relação diferente como algo errado, que deveria ser delatado.

Suarento, o chefe foi direto ao assunto. Tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, ouviram expressões como "relação anormal e ostensiva", "desavergonhada aberração", "comportamento doentio", "psicologia deformada", sempre assinadas por Um Atento Guardião da Moral. (ABREU, 1995, p.88).

Todos estes termos mostram a negação de uma relação homossexual, o repúdio ao ser humano que possui esse tipo de orientação e o entendimento de que, por ser assim, essa pessoa não merece um emprego na repartição pública. Nota-se, então, que o local de trabalho é um local portador e regulador da moral, que visa a manutenção do decoro. Neste caso, “o ambiente de trabalho representa o aparelho burocrático que fala uma linguagem heteronormativizada, cujo léxico impõe modos de pensar e de agir a todos que ali estão presentes, e que reverbera uma estrutura binária nas relações entre gêneros.” (JÚNIOR, 2006, p.46).

Tendo em vista esta excessiva regulação moral, bem como a intensa burocratização, não só a nível de trabalho, mas a nível de relações humanas, as pessoas que trabalham nesse lugar são julgadas pelo narrador como infelizes, e o local seria um “deserto de almas”.

Raul e Saul não se sentiam parte de tal ambiente e isso, entre outros fatores, propiciou o processo de afinidade entre ambos, que involuntariamente (ou não)

os afastou dos colegas. Assim, é possível perceber que quem estava submetido às normas regulamentadas e impulsionadas naquele ambiente, a ponto de tornarem-se fiscais do cumprimento delas - como a própria heteronormatividade -, eram, de acordo com o narrador, pessoas sem alma e sem felicidade. Desta maneira:

A infelicidade, pois, segundo o ficcionista, é a condição inevitável daqueles que optam por atitudes de discriminação. Conclusão ousada de um escritor em plena sociedade rastreada, mapeada e vigiada, enfim, pela retórica pública do segredo vazio. (JÚNIOR, 2006, p.47).

A distinção entre os reguladores da moral que discriminam, e os que supostamente a infringem (ou no mínimo não se importam com ela), é um posicionamento tomado pelo narrador, que julga como medíocre a atitude de repressão no ambiente de trabalho. Assim, apresentar-se um narrador que assume tal conjuntura “é posicionar-se criticamente em relação às estruturas heteronormativizadas e homofóbicas que se perpetuam pelos ambientes de trabalho.” (JÚNIOR, 2006, p.46).

Esta postura não é neutra, mas valoriza uma qualidade em detrimento de outra, neste caso, retratando com empatia e delicadeza o relacionamento entre Raul e Saul, enquanto apresenta de forma crítica e negativa os seres destituídos de alma e felicidade. Isto fica claro ao final do conto, quando os dois jovens são demitidos e deixam a repartição felizes, de forma que os outros permanecem no trabalho, “infelizes para sempre”. Complementando esta ideia, Júnior (2006) acrescenta que:

Esse movimento ascendente da minoria sexual e descendente da postura homofóbica pode ser visto

na voz cínica do narrador, simpático aos personagens homoeroticamente inclinados, uma vez que, no desenvolvimento do enredo, há um episódio final de segregação, no qual a sexualidade minoritária perde terreno, mas ganha em dimensão espiritual e conscienciosa. (JÚNIOR, 2006, p.51).

Esta dualidade e diferenciação não estão presentes somente no valor atribuído pelo narrador, mas apresenta ângulos completamente distintos, pelos quais a narrativa permeia sem definir sob qual perspectiva o autor dever ler. Entende-se que a riqueza está em conduzir a história mostrando a dualidade: de um lado a suposta e criminosa ideia de um comportamento homoafetivo, e de outro o simples ato de gostar de alguém e viver carinhosamente uma amizade, sem uma definição clara de relacionamento homossexual ou não. Assim, Júnior propõe que:

A relação vivida entre Raul e Saul é vista sob dois ângulos: aquela construída entre os dois, através dos sentimentos e do compartilhar de determinas afinidades, e outra, “imaginada” pelos sujeitos homofóbicos, que a difundem em seus cochichos e maledicências, quando trazem, para o interior do ambiente de trabalho, a ação metafórica da praça pública. (JÚNIOR, 2006, p.48).

A situação de possível relacionamento homoafetivo provoca uma repressão, que tem como consequência a demissão. Tal circunstância compõe duas perspectivas: enfatiza a discriminação, o preconceito, a intolerância em relação ao diferente e a repressão como controle da vida alheia, que influencia, e muitas vezes, define o modo como as pessoas devem agir em público; e a restrita liberdade que só

lhes é permitida sob a égide do privado que será analisada a seguir.

3.1. Estigma e performatividade

No conto, vemos que os personagens Raul e Saul possuem uma grande preocupação em agir de maneira que os colegas de trabalho não desconfiem do relacionamento que há (ou não?) entre ambos. O próprio autor prefere deixar nas entrelinhas (e a critério do leitor) a existência de um relacionamento afetivo entre os personagens. De maneira brilhante, Caio Fernando Abreu reflete no conto o estigma – a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena (GOFFMAN, 1982) – que recai sobre os homossexuais até hoje.

O próprio título do conto, “Aqueles dois”, já é um sinal da estigmatização dos personagens. Ao tratá-los por “aqueles”, e não “estes”, o autor injeta o desprezo com o qual a relação de ambos era percebida pelos colegas de trabalho, que os viam como desviantes dos padrões sociais considerados corretos. Se ao conhecê-los, as moças da repartição ficavam nervosas e com prospecto de conquistá-los (segundo deduz-se do conto, pois os convidavam para bares, gafieras e festas), após Saul pernoitar na casa de Raul o interesse das meninas desaparece, como mostra o trecho “dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. As moças não falaram com eles”.

Quando se fala em homossexualidade, parece inevitável abordar a maneira com que as relações homoafetivas são vistas pela sociedade. Cotidianamente, a mídia mostra casos de pessoas homossexuais que são agredidas, humilhadas e mortas, puramente em razão de sua orientação sexual. No conto, embora Raul e Saul não tenham

sido física e diretamente atacados, foram vítimas de um tipo de violência igualmente cruel: por meio de cartas que traduziam o relacionamento de ambos como uma “*relação anormal e ostensiva*”, uma “*desavergonhada aberração*”, fruto de uma “*psicologia deformada*”, fato que culminou em suas demissões.

Essa postura de nítida negação da condição dos personagens é algo que se repete na sociedade brasileira atual, tradicionalmente heteronormativa. Apesar das conquistas dos movimentos feministas de segunda e terceira ondas, os quais impulsionaram as mulheres para fora do ambiente doméstico e garantiram direitos civis igualitários, homens e mulheres continuam sendo cobrados a desempenhar papéis fixos na sociedade. Neste sentido, quando Raul e Saul parecem, aos olhos dos companheiros, desviar desses papéis socialmente fixados, são, então, repreendidos e começam a sofrer um tratamento diferenciado.

Erving Goffman (1982), em sua obra *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, explica que a sociedade estabelece as maneiras com as quais as pessoas serão categorizadas, e quais destas são consideradas desejadas. Ao conhecer uma pessoa nova, diz o autor, automaticamente catalogamo-as em categorias previamente estabelecidas socialmente, tais como “trabalhador”, “honesto”, “trapaceiro”, dentre outras. Existem, portanto, dois tipos de identidades sociais: a virtual, que diz respeito ao caráter que imputamos ao indivíduo; e a real, ou seja, os atributos que esse indivíduo realmente possui (GOFFMAN, 1982, p. 12). Esse processo de classificação gera expectativas, que, quando quebradas,

levam à estigmatização do transgressor. Segundo ele,

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. (GOFFMAN, 1982, p.12).

Esse abismo existente entre as identidades virtuais e reais é mutável, pois uma pessoa pode inicialmente ser classificada de uma forma, e, posteriormente, ser reclassificada em outra categoria mais positiva, ou mais negativa. GOFFMAN (1982, p. 14) classifica os estigmas em três categorias: as abominações do corpo, as culpas de caráter individual – onde se encaixa a homossexualidade –, e os estigmas de raça, nação e religião.

Ainda, segundo a terminologia adotada pelo mencionado autor, a homossexualidade é integrante dos grupos de estigmas chamados “desacreditáveis”, ou seja, que não são percebidos em um primeiro olhar (como uma deficiência física), o que torna possível escondê-los. Entretanto, como podemos observar no conto, a suspeita ou a confirmação desse estigma faz com que os indivíduos sejam isolados e passem a ser tratados de maneira

diferente pelos ditos “normais”. E, conforme cita o autor,

Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (GOFFMAN, 1982, p. 14).

A estigmatização de alguém, qualquer que seja a fonte do estigma, principalmente na vida social, onde convive em presença próxima de pessoas “normais” (sem estigmas), pode levar o estigmatizado a tentar corrigir o defeito que possui. Exemplificando, pessoas com deformidades físicas se submetem a cirurgias plásticas, o inculto busca educação formal, entre outras situações, tudo com o objetivo de neutralizar o ponto que as distancia do restante da sociedade.

No conto analisado, Raul e Saul adotam essas medidas, no sentido de que tomam cuidado sobre suas atitudes, falas e gestos (de modo que nunca fica claro ao leitor se ambos formam ou não um casal), denotando, assim, a preocupação de ambos com a maneira que são vistos pela sociedade.

Essa preocupação de Raul e Saul tem relação com a questão dos papéis, anteriormente mencionada. Ainda, em nossa sociedade, os papéis de gênero são tradicionalistas e pouco flexíveis. Desde a gestação, a criança tem em si depositada simbolismos e práticas que identificam seu gênero – feminino ou masculino. Existem coisas apropriadas para garotos e coisas apropriadas para garotas, simbolicamente representadas por cores, por exemplo - rosa para

meninas, azul para meninos. Tudo isso permanece muito presente em nossa cultura, e de maneira direta reflete na forma como as pessoas se comportam, em especial no espaço público.

Essa ideia, quando analisada sob a teoria de Judith Butler (1993), nos permite visualizar o quão ingrenados nas dinâmicas sociais os papéis de gênero estão. Segundo a referida autora, sexo biológico e gênero são coisas distintas, sendo que o gênero desempenhado por alguém se mantém através da repetição de atos, gestos e signos que reforçam a construção do masculino e feminino do ponto de vista social. É, nas palavras da autora, nada mais que uma questão de performatividade (BUTLER, 1993). Ou seja, quando alguém se declara homem, por exemplo, é porque desempenha os papéis tradicionalmente considerados masculinos. A sociedade, como um todo, possui ideias do que é adequado para determinado gênero, e cabe aos indivíduos performatarem esses papéis, ou, como coloca a autora,

[...] é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (BUTLER, 2003, pg. 59).

À medida que a relação de Raul e Saul evolui e ambos se aproximam, esses papéis vão se quebrando. Se no início *“tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou, no máximo, às sextas, um cordial bom fim de semana, então”*, com o passar do tempo passam a ir aos eventos organizados pelas colegas de trabalho, *“mas quase sempre enfiavam-se pelos cantos e sacadas para contar suas histórias intermináveis”*. Ana Paula

Trofino Ohe (2010) esmiuça a quebra de papéis existente no conto,

Se até então Raul e Saul correspondiam aos papéis que caracterizam a ideia dominante de masculinidade, a aproximação de ambos faz com que esses papéis comecem a deixar de corresponder àquela imagem inicial: homens heterossexuais disponíveis para relacionamentos. (OHE, 2010, p. 28).

A partir do momento em que essa quebra de papéis acontece, o estigma da homossexualidade é projetado nos personagens. E o estigma, por natureza, apaga todas as qualidades antes valorizadas na pessoa. Se em primeiro momento as moças da repartição “[...] casadas, solteiras, ficaram nervosas quando eles surgiram, tão altos e altivos”, agora “[...] as moças em volta espiavam, às vezes cochichando sem que eles percebessem”.

Toda essa questão de papéis e de performatização, junto com o cuidado demonstrado pelos personagens em não assumir publicamente a existência de uma relação amorosa entre si, tem amparo na obra de Erving Goffman, *Comportamento em Lugares Públicos* (1963), para a qual as interações humanas, em especial nos espaços públicos, são sempre performativas. Isso permite esmiuçar os personagens de Raul e Saul, de tal maneira que é possível concluir que ambos só demonstram suas verdadeiras “faces” quando estão juntos e sozinhos, ou seja, é apenas nos momentos de intimidade que ambos se permitem tocar, elogiar e debater os anseios e desejos mais íntimos.

Conclusões

Neste conto a homossexualidade não está explícita, de forma que a ênfase está nas consequências sofridas pelas pessoas devido ao possível envolvimento homoafetivo, bem como na troca de carinhos não sexuais.

A análise do conto, na perspectiva da sexualidade proposta pelos autores citados, mostra que a homossexualidade é muitas vezes vista como algo imoral, não digna, principalmente porque se considera o caráter sexual da relação como impuro. Devido a essa forma de perceber a relação entre duas pessoas do mesmo sexo, Raul e Saul desempenhavam papéis diferentes quando estavam juntos, de quando estavam na presença dos colegas de trabalho. Além disso, justamente essa tonalidade sexual que o autor oculta na narrativa, mostra que essa informação é irrelevante, ou seja, não importa se é só

uma amizade, ou uma relação homoafetiva, assim uma relação homossexual não é algo com o que as pessoas deveriam de preocupar.

Referências

ABREU, C. F. Aqueles dois. In: Morangos Mofados. São Paulo: Editora, 1994.

BUTLER, J. Bodies that Matter: On the Discursive Limits of 'Sex'. New York and London: Routledge, 1993. GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis, Vozes. 1985.

JÚNIOR, L. F. L. B. Caio Fernando Abreu: Narrativa e Homoerotismo. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 2006. Fernando Abreu. 2010. Dissertação (Mestrado) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto: UNESP. 2010.

Recebido em 2016-01-13
Publicado em 2016-05-28